

Geografia(s) em Diálogo

III Encontro Nacional de Estudantes de Geografia (ENEG'23)

João Leal,¹ Marco Pinto² e Paulo Lemos³

1 Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

E-mail: joaoleal2298@gmail.com

2 Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

E-mail: marcoaspinto2001@gmail.com

3 CEGOT & RISCOS, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto

E-mail: paulomclemos@outlook.com

Resumo: — Os Encontros Nacionais de Estudantes não são uma novidade no nosso país. Contrariamente àquilo que seria expectável para uma ciência centenária, até há bem pouco tempo ainda não tinha sido organizado, pelo menos formalmente, um Encontro Nacional de Estudantes de Geografia (ENEG), lacuna colmatada, a partir de 2019, data da reunião da primeira edição do ENEG, em Coimbra. Esta breve nota refere-se especialmente aos temas e organização da terceira edição, do congresso, reunido em Évora (2023), onde, pela primeira vez, o tema do ensino foi formalmente integrado, permitindo a reflexão sobre alguns dos principais desafios que a formação de professores enfrenta. O artigo refere várias das actividades paralelas ao encontro, especialmente de excursões a vários lugares da região. alentejana.

Palavras-chave: Encontro Nacional de Estudantes de Geografia; congressos; desafios pedagógicos; excursões; Alentejo.

Abstract: — Geography Students' National Meetings are not new in our country. Contrary to what would be expected for a century-old science, until recently, a National Geography Student Meeting had not yet been organized, at least formally, a gap filled, as of 2019, the date of the meeting of the first edition, in Coimbra. This brief note specifically refers to the themes and organization of the third edition of the congress, held in Évora (2023), where, for the first time, the theme of teaching was formally integrated, allowing reflection on some of the main challenges facing training of teachers. The article refers to several of the activities parallel to the meeting, especially excursions to various places in the Alentejo region.

Keywords: Geography Students' National Meeting; congresses; pedagogical challenges; excursions; Alentejo.

Origens do Encontro Nacional de Estudantes de Geografia

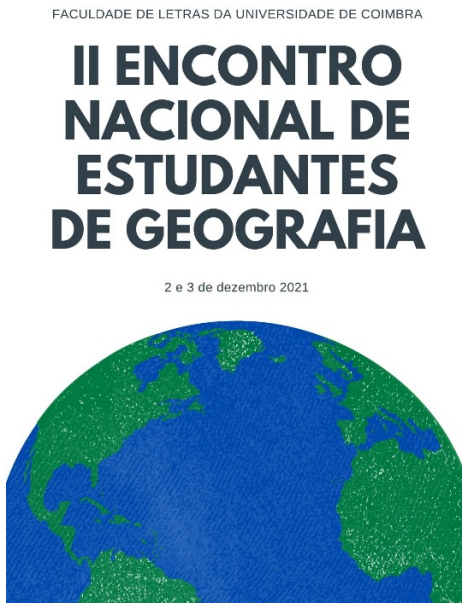
Os Encontros Nacionais de Estudantes não são uma novidade no nosso país: o I Encontro remonta a 1962, ainda que com forte oposição de um Estado que ordenou a interseção dos autocarros

que seguiam de Lisboa e do Porto rumo à Cidade Universitária. Estes Encontros resistiram à passagem do tempo e são, ainda hoje, celebrados por áreas disciplinares tão díspares quanto a Biologia, a Geografia, a Enfermagem, a História ou a Psicologia. Ainda que possam diferir no seu teor e, assim,

oscilar entre 'o mais ou menos festivo' e 'o mais ou menos formal', os benefícios proporcionados por este tipo de evento são, por demais, evidentes, na medida em que acabam por configurar um ambiente propício ao estabelecimento de conexões pessoais e profissionais e, também, ao fortalecimento de laços entre as diversas academias portuguesas.

Contrariamente àquilo que seria expectável para uma ciência que há cerca de 120 anos Silva Teles introduziu no ensino superior (Costa et al., 2013), até há bem pouco tempo ainda não tinha sido organizado, pelo menos formalmente, um Encontro Nacional de Estudantes de Geografia (ENEG).

Figura 1 – Cartaz do II ENEG
Coimbra 2021



Este facto pode sugerir, a nosso ver, que, historicamente, a Geografia pode não ter recebido a atenção e o investimento necessários para promover a interação entre estudantes, o desenvolvimento e fortalecimento inter-universitário, representando, inclusive, um obstáculo à coesão da comunidade de geógrafos em Portugal. Todas estas lacunas viriam a ser colmatadas, em fevereiro de 2019, quando um pequeno grupo de discentes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) decidiu organizar, na respetiva instituição, a primeira edição do ENEG, com a temática 'Território, Sociedade e Desenvolvimento'. Num espaço de apenas dois dias, os participantes tiveram a oportunidade de explorar de que modo as dinâmicas territoriais, a organização da sociedade e o desenvolvimento estão interligados. Além do mais, e, sob a orientação da Professora Doutora Paula Santana, procedeu-se à concretização de uma visita de estudo à cidade de Coimbra.

Volvidos dois anos e meio, em pleno período marcado pela pandemia global, realizou-se a segunda edição do ENEG (figura 1), novamente na cidade do Baixo Mondego. Este evento incluiu diversas atividades: entre elas destacaram-se duas mesas redondas com títulos intrigantes — 'Alterações Climáticas em Portugal: Impactos Futuros e Possíveis Soluções' e 'População, Território e Desenvolvimento'—; duas sessões de comunicações que abordaram tópicos cruciais relacionados com a Geografia, cujo foco residiu na

sustentabilidade territorial e na análise do território, com possível auxílio dos SIG (Sistemas de Informação Geográfica); uma visita ao centro histórico da cidade de Coimbra, pensada e organizada com um objetivo diferente da que fora realizada em 2019, e que ficou a cargo dos Professores Doutores Norberto Santos e Claudete Moreira, proporcionando-nos, uma vez mais, uma perspetiva única sobre o contexto histórico-geográfico da cidade. Não obstante, face a todas as restrições que a Covid-19 nos obrigou, uma parcela significativa dos inscritos que marcaram presença nas atividades mencionadas fizeram-no de forma remota. Finalmente, no desenrolar das atividades do II ENEG, existiu, ainda, espaço para homenagear o Professor Doutor Luciano Lourenço, à época

recém-jubilado do Departamento de Geografia e Turismo da FLUC.

Com as edições que se consumaram em Coimbra, rapidamente se tornou perceptível a pertinência de um Encontro com a capacidade de unir, num só espaço, geógrafos de todas as escolas nacionais (Minho, Porto, Coimbra, Lisboa e Évora). Era um evento ao qual se pretendia dar continuidade e, por esse motivo, os estudantes acordaram que a sua 3.^a edição aconteceria dois anos depois, nas instalações da Universidade de Évora. Assim se sucedeu o tão esperado III ENEG: marcado para os dias 23 e 24 de março, o Encontro alcançou um feito memorável ao ultrapassar a marca dos 100 inscritos, reunindo 144 estudantes provenientes de todas as universidades portuguesas que disponibilizam a licenciatura em Geografia (figura 2).

Da mesma forma que sucedeu na edição prévia, também o programa do III ENEG contemplou a realização de comunicações por parte dos estudantes dos diferentes ciclos de estudo (Mestrados e Doutoramento, essencialmente); de conferências e mesas redondas com docentes e especialistas das respetivas áreas; e, claro, uma excursão pelo centro histórico da cidade de Évora, orientada pelas Professoras Doutoradas Domingas Simplício e Patrícia Rego. Nas citadas sessões teóricas, para além da discussão de alguns temas que já haviam sido abordados em Encontros passados (e.g. alterações climáticas, mobilidade sustentável, políticas de desenvolvimento e ordenamento do território), introduziu-se,

Figura 2 – Cartaz do III ENEG

Évora, 2023



pela primeira vez, a temática do ensino, através de uma mesa redonda intitulada 'O Ensino da Geografia na atualidade: ambiguidades entre a formação e a profissão', composta por intervenientes das Universidades do Porto e Lisboa (IGOT e FCSH-UNL), que detêm, em comunhão com a Universidade de Coimbra, o Mestrado em Ensino da Geografia (**figura 3**).

Esta foi a primeira vez que o tema do ensino foi formalmente integrado no ENEG, permitindo a reflexão sobre alguns dos principais desafios que a formação de professores enfrenta. Efetivamente, a inclusão desta temática no programa do III ENEG revelou-se uma resposta essencial à crescente procura, por parte dos estudantes, de esclarecimentos sobre a formação (inicial e contínua) de professores de Geografia, como nos demonstra, aliás, a evolução crescente do número de

candidatos aos Mestrados em Ensino de Geografia; no meio de tantos outros temas, a sua introdução permitiu enquadrar e refletir sobre a dura ambivalência entre a formação em Geografia e o exercício da profissão docente, dilema esse que, aliás, deu título à mesa redonda a ele destinada.

Além disso, estamos em crer ainda, que a sua inclusão destaca o compromisso da comunidade de geógrafos, em Portugal, com a valorização e melhoria contínua do ensino desta disciplina, tanto na Escola como na Universidade, por isso não nos restam dúvidas que este foi um momento de partilha e de troca de conhecimentos, úteis e valiosos, sobre as ambiguidades e os desafios que os professores de Geografia podem enfrentar na transição da sua formação académica para a prática profissional.

Figura 3 – Mesa Redonda

'O Ensino da Geografia na atualidade: ambiguidades entre a formação e a profissão'



Relatos e Vivências no III ENEG

A partir do momento em que confirmamos a nossa participação no III ENEG, enquanto discentes da Universidade do Porto, algumas das principais incertezas com as quais nos deparamos remeteram para questões ligadas ao alojamento: onde e, acima de tudo, durante quanto tempo ficaríamos?

Relativamente ao local do alojamento, parte significativa dos estudantes portugueses que marcaram presença nas atividades do evento optou, como seria expectável, pela solução atempadamente disponibilizada pela respetiva Comissão Organizadora ('hostels'), nas proximidades dos locais onde o mesmo se realizou. Outros participantes, parte tão expressiva quanto a anterior, decidiram pernoitar noutros alojamentos presentes na cidade de Évora, diferentes daqueles que foram propostos pela Organização do Evento. O nosso grupo de amigos, contudo, motivado pela possibilidade

de vislumbrar o céu estrelado e, quiçá, a via láctea, escolheu ir contra a corrente e, assim, acampar no Vimieiro, uma pequena freguesia do Município de Arraiolos, localizada a cerca de 40 quilómetros do centro da cidade de Évora.

Independentemente do facto da opção pelo campismo se ter revelado, aos olhos de muitos, algo inusitada, a verdade é que nos proporcionou uma experiência completamente diferente daquela que teríamos vivenciado se tivéssemos priorizado as formas de alojamento mais convencionais. Ainda que não tenhamos conseguido concretizar na plenitude aquele que era o nosso principal objetivo, a opção pelo campismo revelou-se manifestamente proveitosa, na medida em que nos levou a contactar com alguns dos principais problemas que assolam os territórios alentejanos, como a escassez de recursos hídricos, e a refletir sobre possíveis 'remédios' com que se lhes pode acudir; entre outras coisas, a experiência levou-nos a imergir, de maneira mais profunda, naquele que é o contexto geográfico alentejano. Acreditamos que não poderia ser de outro modo, não fosse a Geografia definida por Orlando Ribeiro (2012) como uma ciência de ar livre, cujo laboratório é, por excelência, a natureza.

Em contrapartida, a resposta à questão ligada à duração da nossa estadia parece-nos óbvia: são cerca de 400 quilómetros aqueles que separam a cidade do Porto, de onde partimos na madrugada do dia 23, da cidade de Évora, onde o evento se realizou; por

Figura 4 – Percursos turísticos

Cidade de Évora



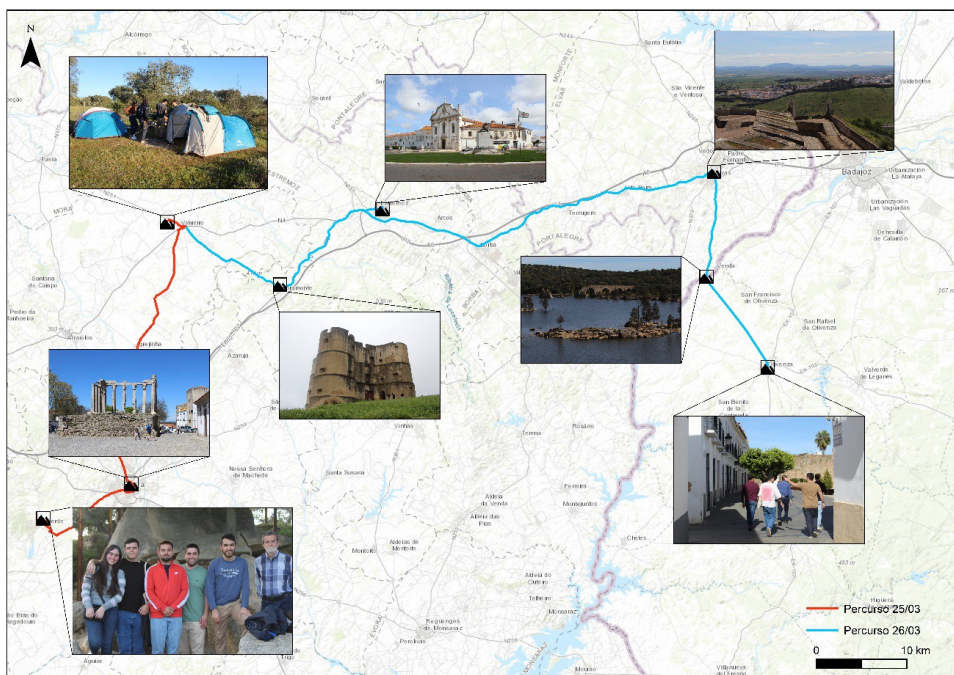
isso, pouco sentido faria, pelo menos na nossa perceção, marcar presença no mesmo e não aproveitar esse momento para empreender algumas excursões por terras de além Tejo. Afinal de contas, é na observação direta dos territórios que a Geografia encontra a base para qualquer estudo que se preze e, diante disso, pensámos que seria proveitoso permanecer não apenas durante os dois dias inicialmente previstos, mas sim (pelo menos) durante quatro. Desta forma, à medida que os dias 23 e 24 foram, quase exclusivamente, dedicados à participação no Encontro, os dias 25 e

26 foram ocupados com a concretização de algumas saídas (**figura 5**), na companhia de alguns dos nossos colegas (e.g. Francisca Teixeira, José Gil, Tiago Sardinha), e na dos Professores Doutores João Carlos Garcia e Luís Silva, a quem endereçamos, desde já, os nossos agradecimentos.

Como mencionado, os primeiros dois dias ocuparam-se, quase na sua totalidade, com a cooperação e participação no Encontro e, em função disso, a cidade de Évora e a sua envolvência não foram devidamente exploradas. No primeiro dia, além do ENEG, decidimos voltar à cidade alentejana

Figura 5 – Percursos e principais pontos visitados

Alentejo, março de 2023



para, na companhia do Professor Doutor João Carlos Garcia, explorar alguns dos que podem ser considerados os seus símbolos (percurso a vermelho da **figura 5**), como o Templo que testemunha o processo de romanização que se intensificou no nosso país a partir do século II, mas também como os diversos monumentos megalíticos situados a poente da cidade (e.g. Recinto dos Almendres e Anta Grande do Zambujeiro), cujo aparecimento, há cerca de sete mil anos, se encontra relacionado com a posição privilegiada de um território onde as bacias hidrográficas do Tejo, Sado e Guadiana convergem. Tal como era de se esperar, a deambulação pelo centro histórico da cidade serviu também para visitar alguns pontos de interesse turístico e cultural, como a Capela dos Ossos, a Ermida de São Brás e o edifício dos Paços do Concelho, onde se encontram protegidos alguns vestígios arqueológicos das Termas Romanas, construídas entre os séculos II e III. Assim, para além de conseguirmos consolidar muitos dos conhecimentos histórico-geográficos essenciais para o exercício da atividade docente, no decurso do terceiro dia respeitamos também a memória do Padre António da Ascensão Teles, que, a propósito da Capela dos Ossos, enaltece:¹

¹ Este soneto encontra-se exposto na Capela dos Ossos (Évora), conhecida pelo revestimento das suas paredes e pilares com ossos humanos. A citação sugere, a nosso ver, que os visitantes devem pausar e refletir sobre a sua própria mortalidade quando se deparam com este que é, por certo, um lugar incomum.

Aonde vais, caminhante acelerado?
Pára... Não prossigas mais avante;
Negócio não tens mais importante,
Do que este, à tua vista apresentado.

Encontrava-se prestes a terminar a nossa aventura por terras alentejanas e, por esse motivo, o dia em que de lá nos despedimos foi totalmente diferente dos anteriores. Abandonámos o habitual percurso de cerca de 40 quilómetros que liga o Vimieiro à cidade de Évora e encontrámo-nos com os dois professores em Évora Monte (percurso a azul da **figura 5**), uma pequena freguesia estremezense situada no alto da Serra da Ossa, onde, para além de termos tido a oportunidade de visitar a histórica habitação em que se assinou a convenção que colocou termo às guerras travadas entre absolutistas e liberais (Convenção de Évora Monte),² conseguimos, de certa forma, testemunhar um dos processos que mais tem devastado o Alentejo, em particular, e, em geral, o interior do país: o despovoamento. Deste nefasto processo são notórias as modificações pelas quais a freguesia de Évora Monte tem passado ao longo dos últi-

Neste sentido, as palavras do Padre António da Ascensão Teles convidam-nos a considerar a efemeridade da vida e a importância de dedicar tempo à contemplação espiritual.

² A Convenção de Évora Monte assume uma relevância particular na História de Portugal, uma vez que marca o culminar das Guerras Liberais e a restauração da Monarquia Constitucional, assumindo-se, como período de transição política fundamental para a evolução do sistema político português do século XIX.

mos anos, de tal modo que, se no período ditatorial chegara a abrigar quase duas mil pessoas, no momento em que a visitámos residiam nela apenas cerca de quinhentas.³

Pela primeira vez, encontrávamo-nos (os sete) reunidos. A partir de Évora Monte continuámos a nossa viagem pelo Alentejo, através da Estrada do Alentejo Central (EN 4), desta vez em direção a Elvas, onde teríamos a oportunidade de visitar o Forte de Nossa Senhora da Graça. Não percorremos um espaço em branco e, como tal, ao longo do trajeto, pudemos compreender na prática aqueles que são os impactos associados aos complexos mineiros a céu aberto nas cidades de Borba e de Estremoz: se, por um lado, são inúmeros os postos de trabalho gerados pela indústria extrativa, por outro, também se tornaram evidentes as modificações que as explorações de mármore produziram na paisagem. Ainda de manhã, chegamos ao Forte de Nossa Senhora da Graça e, a partir dele, observamos alguns dos elementos que hoje marcam a paisagem do Alto Alentejo, onde a monotonia das extensas planícies recheadas de oliveiras é quebrada pela irregularidade da Serra de São Mamede. Do alto da estrutura militar não avistámos movimentações oriundas do país vizinho e, com o desígnio de reconquistar um

território que o Congresso de Viena⁴ confirmou como nosso, avançámos em direção àquele que seria o nosso último destino. Apesar de, lamentavelmente, tal desfecho não se ter verificado, em Olivença confirmámos que a presença lusitana vai muito além das aldeias históricas: ela está nas pedras de calçada e, por isso, dificilmente se perderá.

Em poucas palavras, estas foram as nossas experiências para além do ENEG, este ano em território alentejano: sem margem para dúvidas, vivências de elementar relevância na preparação em curso para a profissão docente. A esse respeito, apesar de reconhecermos o profundo desequilíbrio existente entre o potencial educacional das saídas de campo e a sua realização efetiva, acreditamos que o ensino da Geografia deve, em todas as situações, procurar dar uma particular ênfase ao contacto com a realidade local e à observação direta dos fenómenos. Para tal, torna-se imperativo que os futuros professores se familiarizem com as diferentes realidades do nosso país, em especial com as de uma região onde parte considerável dos mesmos poderá vir, algum dia, a exercer a sua atividade. Como declarava Álvaro de Campos (**Pessoa, 1944, p. 41**),

Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça

4 O Congresso de Viena, realizado entre 1814 e 1815, reuniu os líderes de várias nações europeias com o objetivo de redesenhar o mapa político da Europa após a queda de Napoleão Bonaparte.

3 De acordo com os dados recolhidos nos Censos 2021, pelo Instituto Nacional de Estatística.

O sair de um lugar, o chegar a um lugar,
conhecido ou desconhecido,

Perco, ao partir, ao chegar, e na linha
móvil que os une,

A sensação de arrepio, o medo do
novo, a náusea

Aquela náusea que é o sentimento
que sabe que o corpo tem a
alma,

Trinta dias de viagem, três dias de viagem,
três horas de viagem

Sempre a opressão se infiltra no fundo
do meu coração.

Bibliografia

- Costa, F.; Vieira, A.; Zucco, E.; Carvalho, I.; Azevedo, J.; Moro, P. (2013). Os doutoramentos em Geografia: tendências da investigação em Portugal. *IX Congresso da Geografia Portuguesa. Universidade de Évora*, p. 771-778.
- Instituto Nacional de Estatística (2022). *XVI Recenseamento Geral da População. VI Recenseamento Geral da Habitação: Resultados definitivos*. Lisboa: INE.
- Pessoa, F. (1944). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática.
- Ribeiro, O. (2012). *Ensino da Geografia*. Porto Editora.